

A POESIA AUTOBIOGRÁFICA DE RIVERA

Anderson Ibsen Lopes de SOUZA (1); Jean Custódio LIMA (2);, Maria das Graças de Oliveira Costa RIBEIRO (3).

(1) IFCE- Campus Crato, e-mail: andilopes1@hotmail.com

(2) IFCE- Campus Fortaleza, e-mail: jeanclima@hotmail.com

(3) IFCE- Campus Crato, e-mail: aquiagg@hotmail.com

RESUMO

Trabalhando o lado intimista em sua poesia, Bueno de Rivera, poeta mineiro pertencente à terceira fase modernista, coloca em seus poemas inúmeras passagens de sua vida, o que por vezes nos tira a certeza de se aquilo que lemos é o produto de um eu lírico ali exposto ou se é de fato o poeta quem fala conosco, por intermédio de seus sentimentos e vivências pessoais. O fingimento poético acaba por não querer ser decifrado, já que ficamos no limite entre um *corpus* autobiográfico e uma obra puramente artística. A abordagem da poesia de Rivera sob o olhar da análise autobiográfica, pois, é de uma necessidade *sine qua non*, uma vez que sem algumas informações como profissões por que o poeta mineiro exercera, nomes de pessoas a ele ligadas, lugares por que passara etc. são de extrema utilidade para a compreensão e interpretação dos versos expostos em seus escassos, porém contundentes três livros de poesia.

Palavras-chave: Bueno Rivera. Análise. Poesia. Modernismo.

1. INTRODUÇÃO

Sempre se destacando no cenário nacional por ser, desde o início do século XVIII, um celeiro de produções culturais, Minas Gerais traz até a atualidade a marca de sua grandiosidade e amplitude adquirida nas artes em geral, contando com inúmeros nomes memoráveis. Em relação à arte literária, vemos que desde a literatura clássica que o referido estado é o ponto de referência para a literatura brasileira.

Característica importante desse período inicial de nossas letras, especialmente em Minas Gerais, é o fato de os artistas terem sempre mostrado um fazer literário mais voltado para a análise íntima (CANDIDO, 1987: 51), uma narrativa dada em primeira pessoa (perceba-se, a título de exemplo, o caso de *Marília de Dirceu*, onde o árcade Tomás Antônio Gonzaga canta ora as bem-aventuranças ora a saudade de estar ao lado da jovem Maria Dorotéia, por quem se apaixonara), buscando assim vivências do próprio artista, representando seus medos e anseios, suas conquistas e derrotas.

Tal característica, atingindo maturidade no século XIX, chega até a literatura moderna muito expressiva, contando com nomes como Drummond, Pedro Nava, Murilo Mendes, entre outros mais que influenciaram sobremaneira esse estilo a nível nacional. O caráter autobiográfico, portanto, apesar de ser visualizado em obras produzidas nas mais diversas regiões do Brasil, encontra em Minas uma força expressiva de maior tamanho, sendo evidenciada em grande número.

É na terceira fase modernista que iremos encontrar, em meio a uma geração de cultores do esteticismo, e da literatura de tendência universalista, a singularíssima figura de Bueno de Rivera, oriundo da pequena cidade mineira de Santo Antônio do Monte e autor de três livros de poesia: *Mundo submerso* (1944), *Luz do pântano* (1948) e *Pasto de pedra* (1971), os quais trazem, cada um de modo peculiar, aspectos da própria vida e sentimentos do referido poeta.

2. O FATOR AUTOBIOGRÁFICO

Ao analisarmos a poesia do mineiro Bueno de Rivera, um dos primeiros representantes da geração de 45 na poesia brasileira, observamos, a princípio, que este apresenta um fazer poético um pouco diverso da poesia materialista e objetiva que caracterizou a referida fase, em alguns pontos sendo evidente o uso da sua própria vida como fonte para seus poemas. Essa análise da produção literária de Bueno de Rivera sob o enfoque autobiográfico é, antes de tudo, conflitante: primeiramente, porque estamos diante de uma obra poética, e não da comumente narrativa que conflagra tal gênero; depois, porque não temos em suas obras uma volta cronológica ao tempo em que o poeta era criança (ou mesmo adolescente); ou ainda mesmo porque na grande maioria de seus poemas não temos o forte traço da sua personalidade, sem margem para a dúvida.

Entretanto, um aspecto é certo no seu fazer poético: ele mostra os anseios desse homem mineiro, sua revolta íntima, seu sofrimento e angústia, algumas vezes deixando pistas em seus poemas (nomes, lugares, profissões), denunciadoras da ligação velada, mas existente entre o poeta e o seu eu lírico; o que poderia ser um primeiro indício do seu caráter autobiográfico, muito embora ele não traga a reconstrução retrospectiva tão comum nesse tipo de literatura.

3. A LIGAÇÃO ENTRE O POETA E O EU LÍRICO

Autor de somente três livros de poesia, Rivera não buscou o mundo da infância perdido em algum lugar do seu subconsciente; preferiu o tempo presente, o mundo real e uma análise de si mesmo que, por assim dizer, seria uma própria análise do ser humano como um todo.

Philippe Lejeune, um dos maiores teóricos do caráter autobiográfico, postula em seu famoso *Le pacte autobiographique* (1980) que para que se haja uma autobiografia, é necessário ter certa identidade de autor, de narrador e de personagem. Confrontando o nosso pensamento com o de crítico francês, poderíamos primeiramente dizer que a poesia do autor de *Mundo submerso* pertence a essa categoria; entretanto, o mesmo estudioso afirma que um dos pré-requisitos para que se tenha uma obra autobiográfica é que esta seja escrita na forma de narrativa. Diríamos então que a poesia de Bueno de Rivera se trata não de uma autobiografia, e sim de um “poema autobiográfico”, como o referido crítico deixa explícito em sua obra.

Alguns poemas deixam claro que há uma correlação entre autor e eu lírico em suas obras – fato que nos aproximaria do conceito de “poema autobiográfico” exposto por Lejeune. Como exemplo, podemos ver o surgimento da figura do microscopista, que se faz presente no seguinte trecho:

*O olho no microscópio
vê o outro lado, é solene
sondando o indefinível.* (RIVERA, 1944: 35)

ou dos instrumentos por este utilizados:

*O silêncio é puro e frio
envolve o laboratório.
Os frascos tremem de susto.* (Idem, Ibidem: 35)

De fato, ser “poeta” não fora a verdadeira profissão do nosso prezado mineiro. Tendo esta tarefa como uma evasão de sua alma irrequieta, de outras fontes teriam de vir os proventos necessários para sustentar uma família composta pela esposa (Ângela) e dois filhos (Clara e Isaac). Foi ele, então, como nossas pressuposições acerca de sua poesia indicam, microscopista, trabalhando como auxiliar de

laboratório. Comprovam isso as palavras de Assis Brasil, que fazendo uma mini-biografia do poeta, diz que ele se formara “em Química, após o que submeteu-se a concurso na Secretaria de Saúde de Minas Gerais (...), trabalhando como microscopista” (1998: 77). E não foi somente isto; dentre as profissões por que passou, uma destaca-se por ter-lhe dado fama pela cidade de Belo Horizonte: foi a de radialista, como bem indica Affonso Romano de Sant’Anna em prefácio do livro *Melhores poemas de Bueno de Rivera*, quando diz que o poeta “exerceu uma série de atividades, que ia desde a de microscopista até locutor da Rádio Mineira. Sua voz pausada e bem articulada marcou época” (2003: 09).

Como não podia faltar, encontramos em poema seu um trecho que mais uma vez vem deixar evidente essa ligação entre o poeta e a voz dos seus poemas: “O locutor chamará os irmãos,/ ninguém responderá à mensagem do aflito” (RIVERA, 1944: 83).

Em um suplemento literário de Minas Gerais cujo tema era o poeta em questão, temos também a comprovação dessa profissão de Rivera, lá sendo afirmado que o poeta fora “um dos mais famosos *speakers* de Minas, tendo atuado longamente na histórica Rádio Mineira” (1984: 01).

No poema, temos a referência ao “locutor”; entretanto, é de uma forma mais diferente, mística, envolvendo aspectos como a aflição, não sendo, portanto, a figura do Rivera que conhecemos. É claro que aqui, até mesmo por se tratar de poesia, não teremos essa retratação fiel do fato ocorrido, como uma descrição. Mas nem em se tratando da narrativa de cunho autobiográfico, essa fotografia da vida real é necessária para que a autobiografia se conflagre. Como afirma Jean Starobinski em *Poétique*, a biografia não é um retrato (1970: 01), o que a torna um tanto quanto suspeita em relação à verdade ocorrida e a depreendida pelo autor. E especialmente por se tratar de poesia, no nosso caso, um gênero que prima pela subjetividade, pela imprecisão, entendemos o porquê de não encontrarmos abertamente a figura do artista em seus poemas.

O autor, portanto, manifesta-se através do seu eu lírico de maneira velada, respeitando assim a composição poética e inserindo-se na obra quase que imperceptivelmente. Encontramo-lo quando, por exemplo, faz referência à sua esposa Ângela – única musa inspiradora que aparece em seus poemas, como em “Canção do Sono”, que o refrão “Ângela dorme” sempre aparece no final de cada estrofe. Como exemplo, reproduzimos aqui a primeira estrofe do referido poema:

*Acendei as magnólias
No céu. Ó ruas, calai!
Ângela é o pássaro,
Ângela dorme.* (RIVERA, 1948: 45)

Aparece também no poema “Itinerário de Ângela”. O nome desta só está presente no título; porém, todas as informações contidas no poema são relativas à sua esposa, a qual era proveniente da Rússia:

*A madrugada escolar em Káumas. Duas tranças
e a fita como um pássaro voando no retrato.
A neve nos telhados, um rosto na vidraça,
árvores de gelo na distância
e os teus brinquedos nevando na memória...* (RIVERA, 1948: 43)

Espécie de poema memorialista, “Itinerário de Ângela” vem trazendo fatos que ficaram na mente do autor, mesmo sem este tê-los vivido. Relembra momentos acontecidos com a sua esposa, muito embora não tenham feito parte de sua vivência.

Também podemos observar nas poesias de Rivera que muitas vezes temos um eu lírico que não faz menção ao Bueno de Rivera microscopista ou radialista, esposo ou pai, em uma atitude de questionamento de si mesmo, mas que poderia ser, indubitavelmente, qualquer pessoa. Observemos, a título de exemplo, versos de “Sismógrafo”:

*Por que não ser como os outros, calmo e lúcido
ante um enterro ou um baile?*

(...)

*Mas não. O abalo do mundo em mim registra
o protesto, a palavra de fel, o amargo
estertor coletivo. (RIVERA, 1948: 106)*

Nesse último exemplo, não somos capazes de comprovar a real presença do autor de *Luz do Pântano* no poema. Caso fosse uma narrativa, seria mais fácil de julgá-lo e encontrar, por conseguinte, o aspecto autobiográfico (ou memorialista), havendo-o.

Mas o gênero é poesia, e como tal, precisamos de um olhar mais introspectivo na obra como um todo; precisamos entender o intuito do poeta ao se utilizar dessa forma expressiva. Como Drummond, que em *Boitempo* diz que “A sombra vem nos cascos/ no mugido da vaca/ separada da cria” (1989: 46), e ali encontramos o menino Carlos, em sua infância bucólica e pastoril, recebendo da fazenda toda a experiência de vida, toda a noção de mundo, aqui também encontramos o Bueno de Rivera, só que adulto, vivido, mas a contar aspectos sobre sua pessoa, seu jeito de ser, sua forma de entender e interagir com o mundo.

Um outro fato que nos faz acreditar estarmos diante de uma poesia autobiográfica é que, como no exemplo acima constatamos, o eu lírico recita em primeira pessoa, como se ali não houvesse um eu lírico, mas o próprio Bueno de Rivera.

Chegamos a esse consenso pelo pensamento de Lejeune, que acredita que na obra biográfica, “le sujet doit être *principalement* la vie individuelle, la genèse de la personnalité”¹ (1980: 15), o que não ocorre somente pelo fato de a obra estar em primeira pessoa, mas principalmente pela semelhança que esta pessoa guarda com o autor; e de fato, as três obras de Rivera nos mostram sempre um ser preocupado com o sofrimento humano, com a dor do mundo, com as tristezas que povoam o coração. É como ele próprio diz em “Canto da Insubmissão”:

*Eu, que sou pedra e montanha, sangue e oeste,
negro poço do tempo e da memória,
mãos sujas no labor do subsolo,
apenas vos ofereço o choro vivo
dos homens solitários. (RIVERA, 1948: 109)*

A identidade de Bueno de Rivera se evidencia, pois, em seu eu lírico, forte sendo os traços comprobatórios da semelhança havida entre ambos: é o eu lírico microscopista, funcionário público, esposo de Ângela, enfim, é o próprio Rivera, tanto nos seus momentos de prazer e contemplação da vida, quanto nos seus momentos de angústia e tristeza, sempre em busca da análise ontológico-existencial. É como Martins de Oliveira fala: “em Bueno de Rivera parece surgir o que seria o seu mundo, através de suas imagens” (1963: 366). Configura-se, dessa forma, com o que Lejeune define como poesia autobiográfica, por todas as características similares aos sentimentos do poeta mineiro na sua poesia obtidas.

Outra característica fortemente percebida na poesia de Rivera e que também funciona como um indício do caráter autobiográfico de vários de seus poemas é o forte desejo que o mesmo apresenta de aparecer como mineiro, possivelmente recebida pelo meio no qual ele se encontrava. De fato, um considerável número de escritores de Minas Gerais procurou imbuir suas obras de traços marcantes de sua região, com atitudes típicas, falares, lembranças, ou seja, de uma mineiridade, que exprime uma visão construída a partir da realidade de Minas e das práticas cotidianas dos mineiros.

Tal característica, por trazer as fazendas e os bois, os personagens de Minas e suas mineirices, dá-nos o caráter memorialístico. Fácil é de observarmos essa vertente em seu fazer poético, especialmente em sua terceira obra, *Pasto de pedra* (1971), livro impregnado de vida mineira, trazendo vários elementos que nos lembram aquela terra. Observemos os primeiros versos do primeiro poema da obra citada:

¹ Trad.: “o assunto deve ser *principalmente* a vida individual, a gênese da personalidade”.

*Região dos ubres
chão desumano*

*Neste descampado reina a vaca
mãe do touro
mãe do ouro
mãe dos homens. (RIVERA, 1971: 09)*

Em sucintas palavras, o autor de *Mundo submerso* lança em seus versos um panorama da região mineira: é a “região dos ubres”, uma vez que foi Minas Gerais conhecida pela criação de gado bovino; é o “chão desumano” porque a procura pelas terras auríferas levou os homens que naquele local se instalaram a adotar posicionamento egoísta e irracional, somente no intuito de enriquecer, além dos conhecidos maus tratos aplicados aos negros escravos para lá levados para trabalharem nas minas; é o “descampado”, assim como a terra do “ouro”, pelas características geológicas apresentadas.

Para Elaine Zaguri, teremos uma obra memorialística quando esta servir como testemunha de observações pessoais (1982: 27). Com efeito, em Rivera não temos somente a contemplação do meio; mais que isso, temos a perscrutação do íntimo do seu ser, a consciência de sua fraqueza (e da fraqueza humana como um todo). É como se o poeta fizesse um exame de consciência e buscasse respostas para fatos ou evidências.

*Amigos, silêncio.
Estou vendo o poço.*

*No fundo profundo eu me vejo
presente. Não é
a cacimba de estrelas. Amigos, é o poço. (RIVERA, 1944: 12)*

A auto-análise, em que o poeta metaforicamente vê a si mesmo como se olhasse para um poço, é a forma por ele encontrada para expressar o que vai em sua alma inquieta. É como diz Péricles Eugênio da Silva Ramos: “quando se volta para dentro de si mesmo, suas imagens são abissais e sufocantes” (in: COUTINHO, 1997: 199). Esta pode ser considerada, de acordo com os parâmetros da teoria do pacto autobiográfico de Lejeune, uma poesia autobiográfica, pois que ela obedece a parâmetros como: manutenção do discurso na primeira pessoa, narrativa retrospectiva e pacto com o leitor. Entretanto, pode ser que esta não chegue a constituir-se em uma obra memorialística, uma vez que para se atingir a esta, mais que narrar sobre si mesmo, também se tem que rememorar o passado.

A memória, pois, evocando a realidade de forma fragmentada, pode ser entendida como mais que o simples ato de relembrar fatos passados; seria a forma de enfocar um passado de modo inacabado, como se houvesse algo a ser desvendado. Seria então possível associar a esse pensamento a poesia de Rivera? Difícil dizer, especialmente por se tratar de uma poesia de tendência introspectiva, de linguagem plurissignificativa.

Como sabemos, vasta é a produção memorialística de Minas, o que sem dúvida nos mostra a tendência desse povo para o determinado tipo de literatura ali encontrado em abundância. Contudo, no caso da poesia de Rivera, não nos animamos a chamá-la memorialística desde já, uma vez que as memórias necessitam de um longo processo de imersão característica no passado, cujo ponto terminal é a infância.

O poeta ainda chega, como exemplo em trecho do último poema citado, a referir-se a seu passado: “O vento da hora morta. Os avós sorrindo./ tão meigos sorrindo. E a morte tão viva!”, mas é algo muito vago e escasso diante do número de poemas por ele publicados. Não chega a se configurar como uma obra de teor memorialístico só por causa de poucos versos que tanto podem ser sobre a sua vida quanto sobre a vida de qualquer um.

A obra de Rivera, contendo mais auto-análise que lembranças nostálgicas, parece aproximar-se mais da biografia que das memórias, mesmo apresentando ele essa mineiridade de que falamos, ou melhor, uma aproximação com os traços característicos dos mineiros em geral.

CONCLUSÃO

Podemos dividir a obra poética de Bueno de Rivera, assim sendo, em duas fases cronológica e tematicamente diversas, baseados na procura efetuada pelo poeta de realizar uma poesia voltada para o ontológico nas duas primeiras obras publicadas e buscando o lado telúrico na terceira. São essas partes, contudo, a prova do estado de espírito desse mesmo homem mineiro que tentava, em cada poema que fazia, colocar aí um pouco de sua personalidade, de suas vivências e emoções.

É justamente por neles colocar o seu “eu”, que os seus poemas dão pressuposto à análise através de uma perspectiva tanto autobiográfica quanto memorialista, já que esses são estilos literários nos quais o autor assume a identidade do personagem (ou do eu lírico) da obra, mantendo a estreita relação de similaridade entre ambos.

Rivera, em vários poemas, realiza tal identidade; entretanto, a sua poesia tem caráter tão subjetivo, que difícil é dizer se realmente o fato de o eu lírico recitar em primeira pessoa tem como significado unívoco a retratação do próprio poeta que ali tenta se inserir.

Trazendo muitas vezes nomes de pessoas e/ou profissões, o poeta acaba desvelando alguma parte ainda obscura de sua obra, desvendando assim o mistério que se fazia em muitos poemas. Marca autobiográfica, traz essas obras, especialmente as duas primeiras, a figura sempre presente da personalidade do poeta em seus versos, confundindo-se assim Rivera com seu eu lírico.

Isso não nos dá o direito, entretanto, de considerar como também sendo memorialísticas as suas obras; e isso porque apesar de revestir os poemas com a característica da mineiridade, de impregná-los do cheiro e das cores de Minas, as obras não promovem o retrocesso exigido por essa espécie de literatura. Não temos a análise da infância do poeta, mas tão somente sua auto-análise como ser humano, como homem já feito, casado, assalariado, pai de família.

Por todos esses aspectos, somos capazes de afirmar que, observada a íntima relação entre autor e eu lírico, a obra de Rivera vem a ser autobiográfica, dando-nos inúmeras provas de tal evidência. Contudo, o mesmo não podemos dizer do caráter memorialístico, pois apesar de trazer o cunho social, com os aspectos da vida e preocupações mineiras, não chega isto a fazer parte da vida particular do autor, que buscou uma literatura universalizante.

BIBLIOGRAFIA

ANDRADE, C. D. **Boitempo**. Rio de Janeiro: Record, 2ª ed.: 1989.

BRASIL, A. **A poesia mineira no século XX**. Rio de Janeiro: Imago Ed., 1998.

CÂNDIDO, A. **A educação pela noite e outros ensaios**. São Paulo: Ática, 1987.

COUTINHO, A. **A literatura no Brasil**. vol 5. São Paulo: Global, 1997.

LEJEUNE, P. **Le pacte autobiographique**. Paris: Seuil, 1980.

OLIVEIRA, M. **História da literatura mineira**. Belo Horizonte:Imprensa Oficial, 2ª ed.: 1963.

SANT'ANNA, A. R.. **Melhores poemas de Bueno de Rivera**. São Paulo: Global Editora, 2003.

STAROBINSKI, jean. **Poétique**. N° 3, 1970.

Suplemento Literário. Belo Horizonte: Sábado, 27 de Outubro de 1984. Ano XIX N° 943.

RIVERA, B. **Mundo submerso**. Rio de Janeiro: Olympio Editora, 1944.

____. **Luz do pântano**. Rio de Janeiro: Olympio Editora, 1948.

____. **Pasto de pedra**. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1971.

ZAGURI, E. **A escrita do eu**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1982.